

As vantagens para os bancos

por Maria Christina Carvalho
de São Paulo

Uma seleta e atenta plateia de pouco mais de cem representantes de bancos estrangeiros instalados no Brasil participou do seminário promovido na terça-feira, em São Paulo, pelo Banco NMB Sudamericano — filial do holandês *Nederlandsche Middenstandsbank NY (NMB Bank)* — a respeito do mercado mundial de troca "swap" de ativos da dívida internacional.

Nada menos que quatro especialistas da instituição, vindos de escritórios de Buenos Aires, Nova York e Paris, revesaram-se na tarefa de explicar as vantagens da troca de ativos para os bancos e devedores. Segundo Peter Geraghty, vice-presidente da filial de Nova York, há fortes motivos para os bancos desejarem trocar seus ativos.

Um deles é o "tax swap", em que o banco de determinado país tem interesse em trocar de ativo da dívida, pois consegue determinado benefício fiscal. A troca de posição ("exposure") pode ser feita sem mudança da característica do risco e com um ganho de taxas. Segundo o NMB Bank, isso é comum nos "swaps" da dívida brasileira, argenti-

na, chilena e mexicana. O banco holandês, por exemplo, está interessado em trocar ativos da fase III, que poderão ser convertidos em capital de risco, por ativos da fase I e II. No caso, o banco que vender ativos da fase III receberá a mesma quantia em ativos da fase I ou II, ganhando os juros que foram substancialmente maiores nos primeiros acordos de renegociação da dívida. Enquanto o ativo da fase III é remunerado pela taxa interbancária de Londres (Libor) mais "spread" (taxa de risco) de 1,125%; o da fase I tem Libor mais 2,25% e o da fase II, Libor mais 2%. O seu interesse no caso é pela possibilidade de capitalização das amortizações da fase III.

O banco que efetuar a troca poderá também ter uma pequena redução no prazo de maturação dos empréstimos. O prazo da fase I vai de 1986 a 1991; da fase II de 1989 e 1992 e de 1990 a 1993; e o da fase III, de 1991 a 1993.

Outra motivação é o "interest rate swap", em que o banco troca um empréstimo corrigido pela Libor por outro reajustado pela "prime rate" (taxa dos bancos americanos a clientes preferenciais) para adequar o seu "funding".

Há, ainda, o "country

swap", em que o banco tem interesse em reduzir o "exposure" em determinados países por razões de administração de crédito ou para reduzir custos administrativos. Geraghty explica que quando o "exposure" é limitado e os custos administrativos altos pode ser interessante mudar por uma posição em outro país, com o mesmo nível de risco, mas de menor custo de gerência. O "swap" também permite mudar perfil do portfólio para não deixá-lo excessivamente concentrado em devedores do setor público ou do setor privado.

Operacionalmente há três tipos de "swap". O "cash swap", o mais simples, que é venda do empréstimo com deságio (ou desconto) em dinheiro vivo. Há o "simple swap" quando se troca ativos de dois países cujos papéis são negociados com o mesmo nível de desconto, como Chile, Equador e Argentina. E há o "ratio swap", em que a diferença de cotação é bastante distinta e a diferença é paga em dinheiro. Como explicou Henri Gautier, do NMB Bank de Paris, na troca de ativos brasileiros por argentinos deverá haver US\$ 1,4 milhão da dívida brasileira por US\$ 1 milhão da argentina mais US\$ 400 "cash".